

**JEREMIAS SEM-CHORAR (1964b): ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE UMA  
OBRA POLÊMICA**

**HELEN CRISTINE ALVES ROCHA<sup>1</sup>  
KÊNIA MARIA DE ALMEIDA PEREIRA<sup>2</sup>**

**Resumo**

Neste projeto, objetivamos ler, analisar e interpretar com acuidade e olhar crítico o livro *Jeremias Sem-Chorar*, escrito em 1964 pelo poeta Cassiano Ricardo observando, principalmente, o jogo intertextual paródico que Cassiano Ricardo estabelece com o milenar e profético texto bíblico, conhecido como *O Livro das Lamentações*, escrito pelo profeta Jeremias. Estes estudos estarão ancorados em importantes teóricos da paródia como Mikhail Bakhtin e Affonso Romano de Sant'Anna; em pesquisadores da obra de Cassiano Ricardo, como Rubens Eduardo Ferreira Frias e Luiza Franco Moreira; dentro da perspectiva dos estudos literários brasileiros e da teoria literária, com estudos de Antonio Candido, Rogério Chociay, dentre outros. Como metodologia, participamos em orientações semanais desenvolvendo fichamentos, leituras, reflexões e interpretação de textos teóricos, e da obra a ser analisada; participamos de simpósios; palestras sobre literatura, história, filosofia e história das religiões. Contudo, notamos que na obra analisada, perpassa tanto as referências ao profeta hebreu Jeremias, e seu *Livro das Lamentações* como, também, uma denúncia política a um mundo pós-moderno em que o homem já não tem mais espaço para seus lamentos. Para o eu poético, ele deve se unir pelo amor, assim, essa aliança é simbolizada na esfera, com a ideia do todo (linossigno). Observamos que seu Jeremias pode representar o judeu contemporâneo, que chora não mais a destruição do templo e a escravidão na Babilônia: chorar e se lamentar já não leva a humanidade a lugar algum. Para Cassiano Ricardo, restam aos Jeremias contemporâneos à poesia, o jogo estético, o lúdico e o voltar a ser criança.

**Palavras chave:** Jeremias, Bíblia, tecnologia, linossigno e infância.

---

<sup>1</sup> Aluna bolsista (FAPEMIG); Universidade Federal de Uberlândia; Instituto de Letras e Linguística; Av. João Naves de Ávila, nº 2121 - Bairro Santa Mônica; Uberlândia/MG; 38.408-100; helen-c@bol.com.br

<sup>2</sup> Orientadora; kenia@triang.com.br

## Resumen

En este proyecto, nuestro objetivo es leer, analizar e interpretar con precisión y mirada crítica el libro *Jeremías Sin-Llorar*, escrito en 1964 por el poeta Cassiano Ricardo viendo, el juego intertextual paródico que Cassiano Ricardo establece con el antiguo y profético texto bíblico, conocido como el *Libro de las Lamentaciones*, escrito por el profeta Jeremías. Estos estudios están anclados en importantes teóricos de la parodia como Mikhail Bakhtin y Affonso Romano de Sant'Anna; en investigadores del trabajo de Cassiano Ricardo como Rubens Eduardo Ferreira Frias y Luiza Franco Moreira; dentro de la perspectiva de los estudios literarios brasileños y de la teoría literaria con los estudios de Antonio Candido, Rogério Chociay, entre otros. Como metodología, participamos en orientaciones semanales desarrollo fichamentos, lecturas, reflexiones y interpretación de textos teóricos, y del trabajo a ser analizada, participamos de simpósios, conferencias sobre literatura, historia, filosofía y historia de las religiones. Sin embargo, observamos que en la obra analizada, involucra tanto as referencias al profeta hebreo Jeremias, y su *Libro de las Lamentaciones* como, también, una de las reclamaciones políticas en un mundo posmoderno en el que el hombre no tiene mas espacio para sus gritos. Para el yo poético él deben estar unidos por el amor, tan, este pacto entre el hombre se simboliza en la esfera (linossigno). Nota que su Jeremías puede representar el actual judío que llora no más la destrucción del templo y de la esclavitud en Babilônia: lloran y se quejan ya no conduce a la humanidad en cualquier lugar. Para Cassiano Ricardo, Jeremías salió a la poesía contemporánea, el juego estético y ser un niño otra vez.

**Palavras chave:** Jeremias, Biblia, tecnología, linossigno e infancia.

## 1. INTRODUÇÃO

Hoje, vários estudantes têm se dedicado em estudar escritores que tiveram uma maior repercussão com suas obras e, conseqüentemente, são os mais famosos e prestigiados, como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, por exemplo. Poucas pessoas, no entanto, sabem quem foi Cassiano Ricardo e a importância de sua literatura. Autor de inúmeros livros de poesia, tais como *Martim Cererê* (1928); *Jeremias Sem-Chorar* (1964); *Os sobreviventes* (1971); também escreveu ensaios tais como: *Marcha para o Oeste e Academia e a poesia Moderna*.

Cassiano Ricardo nasceu no seio de uma família pequeno-burguesa na cidade paulista de São José dos Campos, em 1895, e morreu no Rio de Janeiro em 1974. Formou-se em direito no Rio de Janeiro, em 1917. Em seguida, muda-se para São Paulo e na terra da garoa vai trabalhar como jornalista. Em 1922, no ano da Semana de Arte Moderna, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Foi um dos líderes do grupo “Verde Amarelo” e “Anta”. Em 1953, o poeta parte para França e, neste período, ele experimenta uma nova fase em sua carreira poética, se afastando das idéias nacionalistas e verde amarelas que tanto impregnaram seu *Martim Cererê*, escrevendo: *João Torto e a fábula e Aranha-céu de vidro*.

Os seus últimos livros, *Jeremias Sem-Chorar* (1964) e *Os sobreviventes* (1971), que tratam do tema da modernidade: o homem atual vive em um mundo de lutas individuais e coletivas e, por isso, para Cassiano Ricardo ele deve se unir pelo amor. Essa aliança entre os homens é simbolizada na esfera, com a ideia do todo e a esfera é um poema linossigno:

Não é mais o caso (conclui-se) de se ver o verso onde êle não faz falta. O que importa é a “visão global”, desversificante e simultânea do poema ou da página que o integra. Poema que tenha um sentido de soma, em sua autonomia. Com palavras “ilhadas”, como em “Cemifério”; ou “em movimento circular”, como em “Rotação”; ou com interligações longitudinais e transversais que obnubilam o verso, mesmo quando êste teima em aflorar, como em “O Homem-Rã”. Pra que a palavra “verso” (que ainda persiste) não me importunasse mais, opus-lhe o nome de “linossigno”. (RICARDO, 1964a, p.39)

Agora não se observa mais o verso, mas se tem uma visão global do poema, de seu todo, um poema que tenha um sentido de soma e que passou a ser autônomo. No lugar da palavra verso Cassiano Ricardo colocou a palavra linossigno. Ele se isenta do ritmo auditivo, e revela um mundo que prefere a máquina deixando o coração e os sentimentos mais puros de lado.

O linossigno é um interessante neologismo inventado por Cassiano Ricardo, para que entendêssemos que na pós-modernidade o que ficou no lugar do verso é uma concepção visual do poema. Dessa forma, dos 71 poemas que compõem o livro *Jeremias Sem-Chorar*, 3 são poemas visuais (“A Máquina e Seus Prefixos”, “Gagarin” e “Translação”), ou seja, linossignos que mostram a ideia de um todo pela união de suas partes; de suas palavras e formas, que são distribuídas na página de forma proposital pelo autor, não em linha reta, mas “aleatoriamente”. Mas, afinal, o que seria o linossigno e por que Cassiano Ricardo lança mão dessa forma poética para desenvolver alguns de seus poemas?

Por linossigno compreendemos a disposição em que se encontra o signo em uma linha, independentemente de sua disposição na página: qualquer vocábulo. O próprio Cassiano Ricardo conceitua linossigno como sendo poemas “em forma de”; imagens geométricas que abordam o tema do ver ou não ver; uma poética visual que substituiu o verso; que no lugar da prosa há a fala; e no do metro o ritmo. Uma nova forma de conceber a poesia com poemas figuras. Para ele o linossigno resolve o problema de não mais observarmos o verso, nem o poema em versos:

1.º) por significar “linha” (lino) pois toda frase, ou mesmo uma só palavra tem, na linha, qualquer que seja a posição, a sua espinha dorsal. Por mais que se desarticule (repita-se aqui o que já me coube dizer inicialmente) a palavra, (Cummings) com letras maiúsculas pelo meio, tmeses e atomização de fonemas, a linha nunca poderá, em nossa língua, ser suprimida. Mesmo um poema ideogrâmico, baseado na sintaxe visual, que perturba a “leitura unidirecional” (Oliveira Bastos) se até certo ponto dissolve a frase, não evita a linha (quebrada, vertical, cruzada) sob pena de se tornar caótico. (RICARDO, 1964a, p.39-40)

O signo distribuído na página recebe o significado que o poeta lhe impõe, não em seu sentido convencional, mas se tornando a coisa que representa, tendo uma forma física. O poeta atribui um caráter a palavra, ao signo, dando-lhe uma espécie de composição, de fisicalidade, ou seja, ele a torna a coisa que ela representa. O autor lança mão dessa forma poética como um caminho estético de renovação da lírica modernista. Por isso, o que o fascinava era a autonomia do poema em face da prosa e do verso, o ser poema.

Para esse autor, o Modernismo substituiu a métrica pelo ritmo, instituiu o verso livre. Ele procurou uma nova forma de dialeto poético, preferiu a intuição ao intelectualismo, e reformou a colocação de imagens, a composição, para dar maior autonomia à linguagem: o mínimo de palavras; elementos plásticos; cores; volumes; formas geométricas; valorização do verbo e do substantivo ao invés do adjetivo; a forma como se apresenta o gráfico; a supressão

das maiúsculas iniciais; a imagem de um ideograma; o espaço entre as palavras próximas ou semelhantes; o poema minuto; a palavra montagem; a redundância e reduplicação em que

o poema passar a ser outra coisa – um objeto em e por si mesmo, sem nada comunicar senão sua própria estrutura (estrutura-conteúdo) – quando o intuito do concretismo era (acredita-se) fazer com que o poema não fôsse outra coisa senão poema.” (RICARDO, 1964a, p.25)

Formados por prefixos, vocábulos ou expressões, os três poemas linossignos de *Jeremias Sem-Chorar* (1964) despertam no leitor uma ideia concreta, que em “A Máquina e Seus Prefixos” mostram os prefixos dispostos um após o outro, mas espalhados pela folha de papel, prontos para serem representados por algum significante e, dando a ideia da engrenagem de uma máquina; o segundo poema é elaborado com palavras dispostas em círculo, dando a ideia de um infinito, de um sempre recomeço, “Gagarin”; e, por fim, no poema “Translação”, as expressões “a espera” e “a esfera” se repetem várias vezes, estando dispostas em uma espécie de elipse, que aponta para uma subida ao espaço, ou descida.

Desta maneira, Cassiano Ricardo é como quem antecipa as possibilidades da internet e dos computadores. Por isso, é interessante pensarmos no percurso estético deste autor: um percurso extremamente eclético que acolheu no início da carreira as formalidades do parnasianismo, passando pela fase mais conservadora e integralista do Modernismo até apresentar uma veia mais criativa e inovadora, ao desaguar no linossigno de vanguarda. Ele tanto conviveu e se aproximou de um estilo mais conservador e nacionalista de um Plínio Salgado, até as críticas de Mário Chamie, como também, das invenções imagéticas de um Augusto de Campos e um Décio Pignatari, mostrando-se como um autor plural e multifacetado.

O poeta é pouco conhecido na literatura, mesmo tendo mais de trinta obras escritas. Com seus variados estilos de escrita, mostrou ser um poeta que desejava “combater mentalidades ultrapassadas”. (MONTEIRO, 2003, p.19) Como um autor plural e multifacetado colaborou grandemente para a cultura e a literatura brasileiras, com um lirismo e expressividade incomuns. Antes de falecer em 14 de janeiro de 1974, sendo internado quatro dias antes, Cassiano Ricardo já havia esboçado um novo livro: *Dê/xstência*. O título foi sugestivo às dores físicas que o poeta estava sofrendo. Ele foi sepultado no Mausoléu dos Imortais da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. A cidade que nasceu decretou luto por três dias devido sua morte.

Diante dessas considerações, devemos destacar o que nos interessa nesta pesquisa: a obra mais polêmica, paródica e inventiva de Cassiano Ricardo: *Jeremias Sem-Chorar*, escrito em 1964. Mas, afinal, do que se trata esta obra tão representativa do pós-guerra? Por que um título tão sugestivo?

Em 1964, Cassiano Ricardo, como que inovando as possibilidades de escrita de poesia dentro da página, publica *Jeremias Sem-Chorar*. Um poema dramático. Uma poesia de mensagens profundas de um mundo angustiado. O Jeremias do livro, para Fábio Lucas, “parece nos dizer que a vitória do homem está na infância, mas, como reconquistá-la o homem que mata a própria infância?”. (Fábio Lucas *apud* MONTEIRO, 2003, p.186).

Em *Jeremias Sem-Chorar* perpassa tanto as referências ao profeta hebreu Jeremias, aliás, importante personagem do imaginário hebreu, e seu livro de *Lamentações* como, também, uma denúncia política a um mundo pós-moderno em que o homem já não tem mais espaço para seus lamentos. O Jeremias de Cassiano Ricardo não tem mais lágrimas, perdeu o pranto em um comício, como se pode ler no poema inicial, intitulado “7 razões pra não chorar”: “Um coice de cavalo / no comício / e eu - Jeremias seco - / olho de vidro” (RICARDO, 1964b, p.3).

## **2. O TEXTO: A EXPERIÊNCIA DO DEVIR ANTECIPANDO ACONTECIMENTOS**

Os últimos livros escritos pelo autor Cassiano Ricardo foram: *Jeremias Sem-Chorar*, de 1964, e *Os Sobreviventes*, de 1971. Ambos permeados de um novo e diferente estilo em que o poeta mescla valores filosóficos, niilistas, sartreanos, além de citações bíblicas e da mitologia grega, e pessoas famosas. Tudo isso, mesclado às questões estruturais do linossigno, aliás, um interessante neologismo inventado pelo autor, para que entendêssemos que na pós-modernidade o que ficou no lugar do verso é uma concepção visual do poema. O linossigno está mais próximo do olhar do homem contemporâneo e do internauta, que escanea e explora o conjunto, diferente do homem parnasiano e, também, moderno, que escande verso a verso e soletra sílaba por sílaba, ou que tem na estrutura da estrofe tradicional a base para a poesia.

Cassiano Ricardo é um dos autores que problematizam a questão da substituição do homem por um cérebro eletrônico, ou seja, pela máquina e, além disso, a falta de amor e frieza do homem contemporâneo. É um dos poetas que revelou em sua poesia tanto a Segunda Guerra Mundial, quanto a Guerra Fria, o uso de bombas nucleares e a conquista da lua. Tudo isso em

seu livro *Jeremias Sem-Chorar* (1964b), fazendo um contraponto com o milenar e profético texto bíblico do profeta Jeremias. Cunha (*apud* MONTEIRO, 2003) ressalta que

*J.S.C.* é um livro participante, dentro do mais elevado sentido ecumênico do termo. [...] O dissídio (nele) significa integral participação do A. nas lutas individuais e coletivas que separam o mundo. Sofrendo o grama [sic] geral, ele busca a solução do dissídio pregando a união dos homens pelo amor. ‘Irmão’ é uma das palavras mais freqüentes, e poucas vezes abrangeu tanto o sentido do amor, como em Jeremias. (p.186-187)

Pode-se começar a ler esse livro por qualquer página, como a Bíblia. O livro traz ao invés de versos, linossignos, que se isentam do ritmo auditivo. Ele revela um mundo que prefere a máquina deixando o coração e os sentimentos mais puros de lado, ficando com as angústias dos que sobreviveram às barbáries da época. Com seu jogo de oposições, esse livro reflete a nossa realidade, dirigindo-se, principalmente, à elite que detém o poder econômico e, com isso, infelizmente, dita as regras da sociedade. Nesse livro, a filosofia do autor

demonstra que ‘cada ser humano é a síntese dos dois elementos que, em doses mais ou menos proporcionais, determinam o seu equilíbrio químico e psíquico, ou seja lá qual for’, como notou Helena Parente Cunha em seu *Dissídio Temático de Jeremias*, obra já citada. E mais ainda. Em *Jeremias Sem-Chorar* encontramos também o conhecido lirismo ricardiano, entremeado de lendas, mitos, nostalgia, humanidade, aspirações, folclore, sonhos, tudo bem ao gosto e ao jeito de Cassiano, como o sinete de sua arte. (MONTEIRO, 2003, p.193)

Cassiano Ricardo mostra que a melhora dos seres humanos está na infância, mas nos esquecemos dela. O escritor prega a união das pessoas pelo amor. Seu livro surpreendeu a crítica com as novas formas de escrita, concreta, do autor joseense, que mostra as angústias do homem pós-guerra, que parece estar sem alma. O poeta enfatizou bem que o linossigno era a sua forma de escrever, mas que o verso continuava sendo importante para ele. Tudo com um lirismo entremeado de lendas e mitos.

O livro mostra o drama da precisão e da não-precisão, tendo como principal personagem o Jeremias: uma referência paródica ao texto bíblico intitulado *Lamentações* e, também, aludido ao texto bíblico do profeta Jeremias. Mas, o Jeremias de Cassiano Ricardo tem sete razões para não chorar, diante de um mundo que parece ter perdido o melhor de todos os sentimentos humanos: o amor. Por isso, sua única esperança é a reconquista da infância perdida, assim como no texto bíblico, em que é preciso voltar a ser criança para receber uma possível salvação.

A nova impessoalidade das guerras do século XX tornava o matar e o estropiar uma consequência remota de apertar um botão, ou virar uma alavanca. A tecnologia tornava suas vítimas invisíveis, pois o mecânico não podia ver as pessoas por suas miras de armas de fogo, e o ser humano não se sensibilizou com isso. As maiores crueldades do século foram as impessoais, decididas à distância, de sistema e rotina, sobretudo quando podiam ser justificadas como lamentáveis necessidades operacionais, porque não havia outra saída a não ser matar e destruir.

Mas a tecnologia ainda não era uma “coisa” sem a qual a vida diária, em todo o mundo, seria pouco concebível para algumas pessoas, como atualmente, em que um sujeito não faz parte de um grupo de pessoas se não tiver o que ele tem. Considerando-se, também, que a classe social dominante é quem dita às regras de consumo e são os propagandistas da moda, que distingue o consumo entre bom e mau.

A tecnologia não exige qualquer compreensão dos usuários finais, a guisa de exemplo, cita-se o funcionamento de uma máquina de lavar, que não requer compreensão de como ela funciona por dentro. Desse modo, passou-se a substituir o humano pela máquina, pois ela é altamente sofisticada e tem programação bastante elaborada e, além disso, só precisa do ser humano para apertar o seu botão e colocá-la em funcionamento, mesmo porque ele é quem parece precisar dela. Mais uma vez lançamos a pergunta, inspirados no poema “Ladainha”, do livro *Jeremias Sem-Chorar*, de Cassiano Ricardo: será que construiremos, um dia, uma máquina que vai orar por nós? Beijar por nós? Ou, quem sabe, morrer por nós?

Dessa forma, a ficção científica se torna um escape da ciência quando essa não consegue resolver todos os problemas e dificuldades humanas. Destarte, o poema “Ladainha”, ilustra bastante o discurso da modernidade, que surgiu a partir da ciência e do crescimento tecnológico. Diante disso, Cassiano Ricardo anteviu toda essa substituição do homem pela máquina e por um cérebro eletrônico, como o site do Google, por exemplo: cogita-se que depois de sua invenção as pessoas ficaram mais dependentes de suas informações, exercitando pouco o prodigioso meio mental de reter informações. Basta digitarmos o que queremos e o dispositivo eletrônico traz um texto pronto, acabado que só precisamos copiar e colar. Por isso, as pessoas pensam menos, exercem pouco espírito crítico, e encontram tudo pronto pela internet, principalmente, em um site próprio para pesquisas como o Google.

A questão da máquina resolver problemas para os humanos está mais atual do que na época em que o livro supracitado foi editado pela primeira vez, em 1964, quando, ainda, não

havia globalizado o uso do Google, nem da internet. Por isso, seu autor anteviu nossa modernidade, na qual algumas pessoas têm uma vida virtual; um namoro virtual e relacionamentos virtuais, como se a internet fosse suas vidas concretas. O Avatar é um ótimo exemplo de como a máquina está, ou estará, fazendo tudo por nós, até viver.

Para que racionar? Usar os músculos, os ossos, se o que se torna automático para nós nos deixa preguiçosos e, dessa maneira, é melhor usar a máquina, um cérebro programado para assumir todo e qualquer dos nossos afazeres. Além disso, ela é mais fácil que um sorriso, que requer relacionamentos humanos, sentimentos humanos. Assim, Cassiano Ricardo, ironicamente, pergunta: “Por que o coração?”, respondendo com outra pergunta: “O de metal não tornará o homem/mais cordial,/dando-lhe um ritmo extra-/corporal?” (RICARDO, 1964b, p.20). Ou seja: porque se preocupar com a vida humana, a máquina não resolverá tudo bem melhor? No entanto, o ser humano ainda precisa do corpo, ele é a forma de existência humana e não pode ser substituído por qualquer objeto. Devido à tecnologia substituir, de forma exagerada, o humano, as pessoas estão alienadas a ela a ponto de não notarem que o humano é único e insubstituível, e que ela não pode resolver todos os seus problemas.

A máquina substitui o trabalho humano quando ela tira o emprego de muitas pessoas, como quando ela colhe o fruto. Obviamente, ela é fabricada por um indivíduo e, só age mediante o seu controle: ela não age sozinha, não pensa nem imagina por nós, mesmo porque, isso é característica humana. Cassiano Ricardo versa que ela não pode fazer poesia, porque a poesia deve ser reformada, sendo uma forma pura de liberdade e somente o ser humano é capaz de ser livre. Por isso, restam aos Jeremias contemporâneos a poesia, o jogo estético e o lúdico.

Desta forma, urge-nos a ideia do porque se preocupar com as questões espirituais, religiosas se a máquina é mais rápida, prática, consegue fazer o serviço pesado, trabalhoso, tem memória extensa. Jacó, personagem bíblico, sonhou com uma escada que ligava a terra ao céu e por ela subiam e desciam anjos. Essa escada pode representar a distância do homem contemporâneo com a divindade, que, supostamente, está no céu. O indivíduo precisa obedecer a Deus para, possivelmente, ir morar com Ele no céu. Porém, diante de tanta tecnologia, o indivíduo, a cada dia que passa, diante da ciência, acredita menos em uma vida após a morte, em um paraíso chamado de céu, e em uma entidade divina, pois alguns se acham o próprio Deus, mesmo sendo incapaz de dominar a natureza.

Cassiano Ricardo mostra-nos que a vitória do homem está em sua infância, mas ele se esquece dela. O escritor prega a união das pessoas pelo amor. Seu livro mostra as angústias do homem pós-guerra, que parece estar sem alma, e quem não tem alma, não tem sentimentos, portanto, não sente amor: como uma máquina, que não sente nada. Dessa forma, a ciência, o raciocínio, atualmente, vêm em primeiro lugar e, por último, a religiosidade, a espiritualidade que, depois de Galileu Galilei, foi se tornando menos importante e colocando o ser humano como centro do mundo. Semelhante a isso, o homem não pensa em sacrificar sua racionalidade por nada. Talvez a máquina o salve de um suposto inferno, e interceda por ele nos momentos em que a ciência e a tecnologia não conseguirem resolver os seus problemas, e nem torná-lo cordial.

Então, em 1964, como que comemorando os seus cinquenta anos de escrita, Cassiano Ricardo lança *Jeremias Sem-Chorar*, um livro-poema que pode começar a ser lido por qualquer página, mas, também, de seu início ao fim, como um todo, como a Bíblia. O poeta joseense ainda mostrava uma grande capacidade inventiva e inovadora com o livro, inventando um novo neologismo, o linossigno.

## 2.1 A organização estrutural da obra

*Jeremias Sem-Chorar* (1964), com a característica de agregar os contrários, ou fazer com que eles vivam em um mesmo plano, foi muito aplaudido pela crítica, que ficou perplexa diante dessa nova linha vanguardista de substituição dos versos por linossignos. Nesse jogo de oposições, talvez esteja uma espécie de reflexão da sociedade contemporânea.

É importante destacar que o livro contém 141 páginas, sendo composto por 68 poemas, sendo 3 poemas visuais apoiados no linossigno. Esses poemas estão divididos em 13 subtítulos, ou podemos chamar de capítulos, que sempre abordam a falta de amor dos humanos e sua substituição pela máquina. O livro se abre com uma epígrafe retirada da Bíblia, do *Livro das Lamentações*, o que reforça mais uma vez o diálogo intertextual bíblico da obra:

Desde o menor até o maior deles, cada um se entrega à cobiça; desde o profeta até o sacerdote, cada um procede perversamente. Também curam superficialmente o mal do meu povo. Como escureceu o ouro! Converteu-se em lamentação a nossa dança.” (epígrafe de *Lamentações*, RICARDO, 1964b, p.1)

Em seguida, há uma segunda epígrafe do livro *Critique de La Raison Dialectique*, de Jean-Paul Sartre, que demonstra a veia filosófica e ideológica niilista, que irá perpassar os versos

de *Jeremias Sem-Chorar*: “Ils ont oublié leur propre enfance” (Eles se esqueceram de sua própria infância<sup>3</sup>). Antes das estrofes iniciais do livro, há uma citação em que Cassiano Ricardo adverte o leitor de que, tal qual Fernando Pessoa, a voz que falará na obra será uma espécie de heterônimo, ou seja, o eu lírico será o Jeremias da modernidade, um alter-ego do autor:

Tudo quanto se diz neste livro é dito por Jeremias, não por mim. O “eu” que êle usa é lá por sua conta. Parafrazeando Fernando Pessoa, procurei transferir para Jeremias, por um processo automático de despersonalização, o que me ocorreu fazer. Para que êle, Jeremias, o fizesse verdadeiramente e, por isso, “sentisse outras emoções que eu, puramente eu, me esqueci de sentir”. Outra coisa: Qualquer semelhança de mitos com pessoas ou de linossignos com versos é simples coincidência. (RICARDO, 1964b, p.2)

Há várias dedicatórias no livro, a primeira delas é para José Paulo Moreira da Fonseca, um dos maiores poetas da geração de 1940 e 1950, que, com certeza, foi amigo de Cassiano Ricardo; em seguida, tem-se uma dedicatória no capítulo intitulado “Babilônia”, a Sílvia Castro. Há outras dedicatórias semeadas ao longo do livro, a todo um grupo de autores da geração de Cassiano Ricardo, que com certeza são fontes de referência de sua formação poética. Algumas destas dedicatórias são feitas a autores conhecidos, como: Guimarães Rosa; Josué Montello; Mário Chamie; Adonias Filho; e, outras a autores desconhecidos do grande público, como: Flávio Pereira; Sosígenes Costa; dentre outros.

Observamos que o livro tem ao todo 13 capítulos, subtítulos nomeados de: “Jeremias Sem-Chorar”; “Jornal S/D”; “Babilônia”; “Tigre na Rua”; “Pão & Circo”; “O Homem-Rã”; “Gog e Magog”; “Nova Fuga Para o Egito”; “Viagem Ex(orbita)nte”; “Rosa no Prato”; “Lamentações Eletrônicas”; “Relato de Viagem”; “O Urso e as Crianças”.

Em cada um destes subcapítulos há diferentes quantidades de poesias, o primeiro, a guisa de exemplo, intitulado “Jeremias Sem-Chorar” encontra-se apenas o poema “7 Razões pra não chorar”, que analisaremos nesta pesquisa. Já o segundo, denominado “Jornal S/D”, é composto de 10 poemas, dentre eles o interessante poema metalinguístico intitulado “Poética”, em que Cassiano Ricardo descreve sua concepção sobre poesia: “Que é poesia?”. (1964b, p.11)

O terceiro capítulo, intitulado “Babilônia”, é composto por 12 poemas em que há referências bíblicas à cidade da Babilônia, anteriormente citada pelo profeta Jeremias, no *Livro das Lamentações*, quando esse visionário descreve o exílio do povo judeu sobre a dura mão de

---

<sup>3</sup> Tradução minha, livre.

Nabucodonosor. O poema intitulado “As 7 cidades”, por exemplo, retrata muito o diálogo intertextual com a Babilônia feroz e corrupta, evocada no *Livro das Lamentações*. Se o profeta Jeremias descreve a Babilônia de seu tempo como tendo um mau comportamento, cometendo adultério, matando, roubando e adorando outros deuses e, no entanto, indo ao Templo buscar a salvação (Jr 9-10), para Cassiano Ricardo as cidades pós-modernas são: “fero/cidade/selva/cidade /dupli/cidade/menda/cidade /fuga/cidade/rapa/cidade/vora/cidade”. (RICARDO, 1964b, p.25). Nesse capítulo, encontramos os primeiros linossignos presentes no poema “Plebiscito”, em que a palavra “não” é um grito visual a preencher a folha em branco: “NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO/ NÃOONÃOONÃOONÃOONÃO/ NÃO NÃOONÃOONÃO NÃO”. (1964b, p.28)

Já o quarto capítulo, intitulado “Tigre na rua”, é composto por 4 poemas. Nessa subdivisão, Cassiano Ricardo faz uma homenagem ao animal tigre descrevendo-o em 4 dimensões, **assim** como o capítulo é composto por 4 poemas: na selva, na Bíblia, na jaula e morto na rua da cidade. Interessante como o tigre na selva aparece livre; na jaula é inofensivo porque está preso; na Bíblia é simbologia; e no contato com o homem das grandes cidades ou ele vai para a jaula, ou é morto. Estamos, **assim**, diante de uma primeira tentativa de Cassiano Ricardo de alertar contra a ferocidade, mas não do tigre e, sim, do homem que acaba extinguindo os animais de seu *habitat* natural para tentar dominar a natureza.

No quinto capítulo nomeado de “Pão & Circo”, aparece tanto o linossigno no poema “Objets Trouvés”: “Dono\_\_\_\_Abandono” (RICARDO, 1964b, p.63-64), como também elementos da mitologia grega como “Circe”, “Eucípedes”, mesclados a poemas singelos como “Andorinha nos fios do telégrafo”, e “Objetos não identificados”. Há de se chamar atenção para o poema “João Sem Terra”, em que o poeta nos provoca com o fato de que, logo depois do homem pisar na lua, a preocupação da humanidade, no ano de 1969, era de povoar a lua se esquecendo, muitas vezes, dos problemas do planeta Terra: “Procurar outra terra?/Mas em outra terra a mesma lua, a mesma/foice/o mesmo coice,/a mesma condição de João sem terra; e – paradoxalmente -/ João sujo de terra, sub-João” (p.60).

No sexto capítulo, intitulado “O Homem-Rã”, o poeta faz uma referência à condição dupla e ambígua do ser humano, que tanto pode agora fazer a guerra na terra como no mar: “Homem-rã, palmípede/ com o meu tubo de respiração/ repentina./ Desci pela porta do espelho ao Índico, ao Mar da China,/ ao Mar Vermelho” (RICARDO, 1964b, p.76).

No Sétimo capítulo, intitulado “Gog e Magog”, há uma clara referência aos personagens bíblicos também nomeados Gogue e Magogue, que no texto bíblico são descritos como dois irmãos, cada um com sua nação, mas um querendo a do outro: Ezequiel no capítulo 38, versículos 2 e 3:2. "Filho do homem, dirige o teu rosto contra Gogue, terra de Magogue, príncipe e chefe de Meseque, e Tubal, e profetiza contra ele." 3. "E diz: Assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe e chefe de Meseque e de Tubal." (Ez. 3:2. 38: 2). Já para Cassiano Ricardo, Gog e Magog se apresentam como cientistas desavisados do pós-moderno:

Magog pergunta a Gog:/ por que, no teu laboratório / feérico / hemisférico / não paras de fabricar abismos? / Gog responde: se quiseres / que eu pare, pára tu primeiro. / Então serei teu companheiro. / Mas por mais que Magog interogue / a Gog e Gog interogue a Magog / algo os impede / de mútua confiança, de esperança. / É que o monstro de vidro / lhes suprime a opção entre antes / e depois, e se coloca, / irremovível, entre os dois. (RICARDO, 1964b, p.82)

Já no oitavo capítulo, intitulado “Nova fuga para o Egito”, novamente encontramos uma referência bíblica, que segundo Mateus, personagem bíblico, foi quando os pais de Jesus tiveram que fugir com ele para o Egito, pois todos diziam, segundo a tradição bíblica, que iria nascer um Messias e, sendo assim, o rei Herodes mandou chamar dois magos para que eles avisassem-nos quando nascesse este menino, mas eles não o avisaram, então, ele mandou que matassem todas as crianças primogênitas do sexo masculino, e com menos de dois anos de idade, que nascessem naquela época, em Belém. Já no capítulo “Nova fuga para o Egito”, Cassiano Ricardo retoma, parodicamente, como: o homem que sempre tenta salvar os animais quando o mundo poderá ser extinto (referência bíblica, Noé), e que hoje as pessoas amam o que é concreto e que não deixa dúvida, e usam a natureza para satisfazerem sua vaidade, enquando a “Nossa Senhora”, mãe de Jesus (personagens bíblicos) não se preocupava com beleza, mas em salvar o seu filho: “Jeremias – medito:/É hora de reunir os bichos/ou de fugir para o Egito?” (RICARDO, 1964b, p.91). Portanto, o poema citado acima se refere à Bíblia, com a história da fuga de Maria e José (segundo a tradição bíblica eles foram os pais “humanos” de Jesus), com Jesus, para o Egito.

No nono capítulo temos o título “Viagem Ex(orbita)nte”, além do título indicar duas palavras, sendo ao mesmo tempo uma, temos também um dos mais interessantes poemas linossígnos: “Gagarin”: referenciando ao primeiro homem que pisou na lua, em 1969. Esse poema é bastante visual, tem a forma redonda, que indica constelações e, além disso, se parece com a figura do zodíaco. Um poema que mostra a preocupação que o homem daquela época tinha,

e tem, para querer dominar tudo, para ir à lua e, principalmente, o seu desinteresse para com a natureza. Além do tema da substituição do homem por um cérebro eletrônico.

Intitulado “Rosa no prato”, o décimo capítulo também nos traz um moderno linossigno, com o poema nomeado de “Translação”. Todo esse capítulo aborda o tema da paz; do amor ao próximo; que a humanidade se importa somente em se satisfazer, e não em sustentabilidade. Mostra-nos que o diálogo com a infância, distante. Nesse poema temos apenas dois sintagmas: “a espera” e “a esfera”: a esperança “dói” e “mói”, e as pessoas, neste contexto, estavam agindo como máquinas, ou seja, administradas por outras pessoas e sem vontade própria.

No décimo primeiro capítulo, intitulado “Lamentações eletrônicas”, o eu lírico está triste porque tudo se tornou instantâneo e ele não precisa fazer mais nada, pois a máquina fará tudo por ele. Não precisa nem sair do lugar, nem sonhar, porque a máquina fará por ele. Um poema que merece destaque nesse capítulo é o “Guerra Fria”, que, não obstante, tem um título muito sugestivo e uma temática importantíssima: nada mais é natural, tudo nasce do susto, e por incrível que parece a toda hora vivemos alguma barbárie praticada por algum indivíduo. Para o eu poético há apenas um consolo: “Só um consolo:/Felizes os que, à hora bíblica,/morreram, não da morte,/mas do susto”. (RICARDO, 1964b, p.124)

O próximo capítulo é intitulado de “Relato de viagem”, com apenas um poema: “Pequeno relato a El-Rey”. Nele o eu lírico relata que quando a polícia o fez chorar, naquela época de repressão em que *Jeremias Sem-Chorar* foi escrito (1964), não foi choro de verdade, foi somente pânico. Nem mesmo em palavras ele pode chorar porque a ciência acabou com suas vontades. Como expressar o que viveu no meio de tantas barbáries se ele não consegue mais chorar, e isso só poderá ser dito em lágrimas. Por fim, ele teve de aceitar tudo ou morrer. O poeta se refere novamente ao texto bíblico, nesse capítulo, quando versa que: jamais Caim teve tanto motivo, como nesse tempo, para matar Abel, talvez agora isso se justificasse. Esse Jeremias está seco e não pode chorar, tem sete razões para isso, mas que o matam pouco a pouco por dentro.

Como um último recurso para sua vida infeliz, o eu lírico aparece no último capítulo, intitulado “O urso e as crianças”, mostrando um ponto de esperança em que se ele se fizer de urso para as crianças, porque elas representam o novo, um futuro que vai depender de tudo que viveram no passado e vivem no presente, ele irá recomeçar de novo. Sendo um urso, Jeremias pode chorar por dentro e ser aplaudido por fora, pois diante de um mundo mecânico, ambicioso e egoísta, só lhe resta o jogo lúdico e estético, a arte, a brincadeira de criança, o voltar a ser

criança, inocente, para reconstruir um futuro em que as pessoas pensem sempre no melhor para si e para todos. E, novamente, uma referência à Bíblia: o voltar a ser criança para entrar no reino de Deus, com uma citação do livro de Cassiano Ricardo: “O mundo poderá ser salvo/se o homem desfizer a distância/que o separa de sua/infância”. (1964b, p.139)

Portanto, a partir de tudo que já foi apontado, almeja-se abordar a temática principal do livro fazendo referência à sociedade da época em que ele foi escrito. Considerando-se, é claro, que a literatura não tem uma função predeterminada, objetiva e nem um referente específico no mundo e, por isso, não argumenta sobre nada, apenas representa e apresenta um mundo que é real, mas ao mesmo tempo ficção.

## **2.2 Reflexão e análise de *Jeremias Sem-Chorar* (1964): uma poética de fruição moderna**

Em *Jeremias Sem-Chorar*, de 1964, Cassiano Ricardo mostra sua grande capacidade de reciclar-se, produzindo poemas tipográficos e visuais, sempre utilizando-se das possibilidades espaciais da página escrita, sem perder suas próprias características. Nas palavras do poeta, esse livro se situa em uma linha de vanguarda, com algumas soluções para humanidade, transmitindo o que as pessoas estavam sentindo na época.

É interessante como Nereu Corrêa (*apud* MONTEIRO, 2003, p.183) se refere ao livro:

Quando apareceu *Jeremias Sem-Chorar*, em 1964, o poeta tinha 69 anos de idade. Pela lei que regulam a psicologia do homem em função da idade, Cassiano já seria, àquela altura, um poeta totalmente realizado. Nada mais de novo teria para nos oferecer, senão um prato requentado, fruto outonal do seu espírito [...]. Nas vésperas de completar setenta anos o poeta surpreende os seus leitores com um livro de poesia de vanguarda, tão novo, tão flamante na forma e na textura lírica como se fosse o livro de um jovem poeta de nossos dias, a despeito da profundidade da sua mensagem. Transformou o seu outono numa primavera, o crepúsculo num despontar de alvorada. Em vez de um “breviário”, do “livro das horas”, com o doce e velado recolhimento do espírito, ei-lo a desferir o vôo cósmico numa poesia que parece captar as mensagens através de um “telstar” [...]. Cassiano... é um homem do presente, ... um espírito também com as antenas voltadas para o futuro, testemunha e comparsa de um mundo marcado pelas angústias do incomensurável.

Em meio século de vida, Cassiano Ricardo mostrou uma capacidade criativa espantosa. *Jeremias Sem-Chorar* conta uma época de guerras e de conflitos em que Cassiano Ricardo viveu. Não obstante, a obra é contada em versos poéticos e faz relação com a história de Jeremias, o profeta do texto bíblico. As duas histórias falam de destruição, de sofrimento e, sendo assim,

Cassiano Ricardo, com sua sabedoria de poeta, faz uma ponte entre as mesmas, ironizando o que aconteceu na época de Jeremias, segundo a Bíblia, na parte das *Lamentações* de Jeremias, com o que aconteceu na Segunda Guerra Mundial e, principalmente, na Guerra Fria.

Fábio Lucas (*apud* MONTEIRO, 2003, p.186), escreveu algumas considerações sobre essa obra polêmica, ressaltando que nela o autor Cassiano Ricardo

continua a alimentar a crítica de preplexidades. Aí está seu livro-poema *Jeremias Sem Chorar* como um desafio para os que procuram acompanhar a nova trajetória da atual poesia brasileira. A seu lado, o ensaio *Algumas Reflexões sobre a Poética de Vanguarda*, com uma nova problemática para teoria literária. A leitura do primeiro trouxe-nos um gosto estranho, quase perturbador. Entra-se no livro por qualquer lado (diz-se)... no bloco como nas partes a essência é a mesma, a composição química não se altera: o homem e a máquina, Gog e Magog, oriente e ocidente, mas sempre o conflito interminável... Não há mais versos, mas linossignos? Pouco importa. O poeta fabricou novo artefato. Talvez aqui o sentido da experiência: “uma mudança brusca/ em cada palavra/ dentro do dicionário/ onde resido”. Teoricamente, Jeremias não chora, mas, no fundo, dentro do urso que alegra as crianças, o coração se desprende do automatismo que o apaga, e recebe secretamente as lamentações daqueles que ficaram fora do consumo dirigido... *Jeremias Sem-Chorar* é um jogo de oposições. Talvez reflita a dicotomia da sociedade contemporânea, com seus pronunciamentos desníveis. Daí, a arte, nos termos da “vanguarda”, dirigir-se principalmente à elite, talvez o grupo com aptidão necessária e receptividade bastante para o novo produto.

O Jeremias de Cassiano Ricardo ressalva que a vitória da humanidade está em sua infância, portanto, resta ao homem de hoje tentar reconquistá-la, mas sem destruí-la. O mais interessante ainda, é a relação que o escritor faz pegando uma época de guerras a.C. (segundo a Bíblia), com uma época também de guerras d.C. associando-as ironicamente. As duas histórias nos levam para uma possibilidade de alianças entre os homens, pois talvez assim a humanidade ainda tenha uma chance de viver em paz.

Para Domingos Carvalho da Silva, o poeta joseense é mais do que “uma voz a serviço da angústia do homem intimidado num mundo de terríveis e diários avanços de uma tecnologia sem alma”. (*apud* MONTEIRO, 2003, p. 190) Destarte, nota-se que um dos temas principais do livro é a substituição do homem pela máquina, e a falta de amor e algidez entre as pessoas que vivem em um mundo de tristezas e angústias, que a qualquer momento pode retornar às barbáries do século XX. Diante disso, só resta ao ser humano retornar à sua infância, assim como a Bíblia Sagrada nos traz esse tema de que, para ganhar a salvação da alma, as pessoas precisam voltar a serem crianças.

Para Cunha (citada por MONTEIRO, 2003, p.190) Cassiano Ricardo, além de poeta relevante que, “desde as lides modernistas dignifica a literatura brasileira com sua já tradicional força renovadora, é ainda o lúcido autor das informações mais completas de que dispomos para orientar sobre novos rumos da nossa poética atual”. Isso significa que há uma invenção de uma nova forma de se fazer literatura, com o linossigno, que é caracterizado e diferenciado pela isenção do ritmo auditivo, que foi intenção de seu inventor. Desta forma, Cassiano Ricardo “dispõe suas linhas na página segundo um critério exclusivamente gráfico (e semântico), ao passo que o verso, em sua pureza, não é puramente gráfico, mas obedece aos casos de rimo auditivo, regular ou não.” (Péricles Eugênio *apud* MONTEIRO, 2003, p.191)

Porém, ninguém melhor que o próprio inventor desse novo neologismo, Cassiano Ricardo, para explicar essa questão com maior clareza e conhecimento:

considero o poema um ser ou objeto autônomo, quer em relação a poema em prosa, que basta ser em prosa para ser poema a rigor; e em relação ao verso, mesmo o verso-livre, que por ser livre deixa de ser verso, tendendo mais para prosa. Um poema feito de linossignos não é apenas visual, ótico; será visual-imagístico, perspectivista, fundado numa disposição de linhas que, por sua colocação – no todo – agrada mais ao leitor (ou consumidor), estética e liricamente, do que um simples objeto gráfico-visual; ou do que a anarquia verso-librista; ou do que a simetria compacta da estrofe tradicional. O poema, assim, amplia a sua área semântica, o seu ‘lirismo visual’. (*apud* MONTEIRO, 2003, p.191)

Desse modo, tendo o poema como um objeto autônomo, anárquico e livre, Cassiano Ricardo inventa poemas visuais que mostram imagens e tem perspectivas, ou seja, sempre algo a ser revelado. Com as palavras dispostas na folha de uma forma que agrada o leitor estética e liricamente, ampliando a semântica e o lirismo do poema. Uma linha que obedece ao ritmo imagístico, mais do que a melodia do verso.

Porém, mesmo optando por se utilizar dos linossignos, Cassiano Ricardo não pretendia que os novos poetas de sua época, fizessem o mesmo, pois para ele o verso ainda era uma obra-prima de alguns poetas, até porque o linossigno interessava somente a ele.

O poema “Gagarin”, por exemplo, tem o título e a forma visual-imagística muito sugestivos. O título faz referência a Yuri Alekseievitch Gagarin, que foi o primeiro cosmonauta a viajar pelo espaço, em 1961. Sua famosa frase, e descoberta “A Terra é azul” foi inventada no espaço, quando ele olhou pela janela de sua nave espacial e viu a Terra. Gagarin visitou o Brasil e os Estados Unidos em sua viagem pelo mundo, com o objetivo de divulgar o programa espacial

soviético. Ele desceu de pára-quadras após sua entrada na órbita da terra, como havia planejado. Portanto, os soviéticos foram os primeiros a viajarem pelo espaço.

Ninguém melhor que o próprio inventor do linossigno para nos comunicar a respeito dessa nova prática de escrita poética, tendo o poema como:

um ser ou objeto autônomo, quer em relação a poema em prosa, que basta ser em prosa para não ser poema a rigor; e em relação ao verso, mesmo o verso-livre, que por ser livre deixa de ser verso, tendendo mais para prosa. Um poema feito de linossignos não é apenas visual, ótico; será visual-imagístico, perspectivista, fundado numa disposição de linhas que, por sua colocação – no todo – agrade mais ao leitor (ou consumidor), estética e liricamente, do que um simples objeto gráfico-visual; ou do que a anarquia verso-librista; ou do que a simetria compacta da estrofe tradicional. O poema, assim, amplia a sua área semântica, o seu “lirismo visual” (*apud* MONTEIRO, 2003, p.191)

Porém, mesmo que Cassiano Ricardo tenha inventado o linossigno e utilizado-o no lugar do verso, o autor enfatiza que nunca desprezou o verso, apenas utiliza o linossigno porque é isso que interessa a ele, é o que ele gosta. Felizmente, em 1965, Cassiano Ricardo recebeu o prêmio Jorge de Lima, o maior da ocasião, pelo livro *Jeremias Sem-Chorar*.

Nessa perspectiva, iremos analisar o primeiro poema desse livro, intitulado “7 Razões pra não chorar” (RICARDO, 1964b, p.3).

## 7 RAZÕES PRA NÃO CHORAR

1

*O mundo do terror  
e do espanto  
me obsta o pranto.*

2

*Subtraído à lei  
da gravidade  
perdi a noção  
do que é grave.*

3

*Um coice de cavalo  
no comício  
e eu – Jeremias sêco –*

*ôlho de vidro.*

4

*A cidade mecânica  
timpânica  
me fêz um objeto  
concreto.*

5

*Uns mataram a sêde  
no suor dos outros.  
E eu fiquei sem água  
nem sal.*

6

*A sêca,  
lacrimossedenta,  
bebeu meu poço.  
E agora?*

7

*A lágrima é ridícula.  
Um homem não chora.*

Esse poema é composto por 7 estrofes: um terceto, cinco quartetos e um dueto, com o total de 25 versos. Ele possui uma estrutura lógica, ou seja, com uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão que abarca o significado global do poema. Nele há rimas do começo ao fim, ou seja, há uma identidade perfeita de sons iguais entre os versos. Elas são mais percebidas a partir da última sílaba tônica, mas também podem ocorrer no meio dos versos como em “comício” e “ôlho” no 9º e 11º versos; e em “bebeu” e “meu” no 22º verso.

As rimas continuam, como em “espanto” e “pranto” (2º e 3º versos), consideradas rimas com sonaridade perfeita, sendo uma rima pobre. Isso também ocorre com as palavras “mecânica, timpânica” no 12º e 13º versos; em “objeto, concreto” no 14º e 15º versos; e em “agora, chora” no 23º e 25º versos. Temos uma rima incompleta vocálica nas palavras “terror, encanto” (1º e 2º versos); em “lei, gravidade e grave” no 4º, 5º e 6º versos; com os vocábulos “cavalo, comício, sêco, vidro” no terceiro verso. Em “sêca, lacrimossedenta, agora, ridícula, chora” no 20º, 21º,

23º, 24º, 25º versos, também ocorre a rima incompleta vocálica. Por fim, destacamos que há rimas toantes em “coice, comício, Jeremias e vidro” pela vogal tônica “i”, nos versos 9 e 10.

Cassiano Ricardo demonstra a sonoridade do poema com as rimas, ou a tristeza de seu Jeremias, que poderiam simular um possível choro ou o soluço intercortado do céptico Jeremias. Essas rimas emprestam ao poema uma cadência rítmica, pois ao lermos o poema percebemos que esse Jeremias está engasgado com o choro, mas não chora porque suas lágrimas secaram e ele não consegue mais chorar. O ritmo do poema nos leva a acreditar que ele está triste, desiludido, e até para falar sobre sua angústia, ele fala devagar, com dificuldade de se expressar.

Cassiano Ricardo optou por dar continuidade aos versos com os enjambements de preposição como “da, do” nos versos 5 e 7, e, dentre outros, o pronome pessoal “me” no 3º e 14º verso. Essa continuidade de um verso para outro foi proposital e pode ser interpretada como a sequência dos acontecimentos contados pelo eu poético, além de dar a ideia do todo do poema.

A personificação aparece na sexta estrofe, quando o autor dá atributo humano ao que não é humano, ou seja, ele aponta que a seca bebeu o seu poço de lágrimas, mas sabemos que seca não bebe, pois beber é uma característica humana. Já a aliteração, ou seja, a repetição da mesma consoante inicial de palavras próximas, está no 8º verso (“coice” e “cavalo”).

O poema “7 Razões pra não chorar” é construído em metáforas. Cassiano Ricardo escreve *Jeremias Sem-Chorar* em 1964, o que significa que foi depois de duas Guerras Mundiais, e vivia-se o período da Guerra Fria. Por isso, o poeta nos remete à questões políticas e ideológicas desse período, em que tanto os Estados Unidos como a Rússia poderiam com um simples apertar de um botão explodir bombas atômicas sobre todos os habitantes da Terra. Por este motivo, ele se refere à “cidade mecânica” (12º verso), robotizada, sem sentimentos e, assim, já não vale mais a pena chorar:

### **GUERRA FRIA**

Mesmo as flôres  
não nascem mais naturalmente.  
Nascem do susto.  
Tôdas as coisas parecem  
nascem, mas do usto.  
Acordadas, não nascidas  
pròpriamente.

Acordadas pra ver o acontecimento.  
Porque hoje

o encanto não compensa o susto.  
 A tôda hora,  
 abre-se o jornal, ouve-se rádio  
 e os monstros da fábula ressuscitam  
 de usto.

Só um consôlo:  
 Felizes os que, à hora bíblica,  
 morrerem, não da morte,  
 mas do susto.

O poema “Guerra Fria” se refere, também, a esse acontecimento. Seu título é bastante sugestivo. Para o eu poético há apenas um consolo: “Felizes os que, à hora bíblica, / morreram, não da morte, / mas do susto”. (RICARDO, 1964b, p.124) Esse poema nos remete a um importante momento da história da humanidade, quando, logo após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e a URSS travaram outra guerra, mas dessa vez silenciosa.

O título “Guerra Fria” nos leva às tristes e importantes lembranças da Guerra Fria, que aconteceu entre EUA e URSS, e nos mostra mais uma vez que seu autor, Cassiano Ricardo, se preocupou bastante com a humanidade, tanto que deixou registrados vários momentos que marcaram sua história: como as guerras e o desenvolvimento da alta tecnologia.

Segundo Hobsbawm (1995), a Guerra Fria é vista como o inacabável confronto entre a União Soviética e os Estados Unidos, que são as duas superpotências que saíram da Segunda Guerra Mundial para a Guerra Fria. Assim, mal acabara uma guerra e as pessoas já tinham de enfrentar outra. Ela foi uma guerra diferente, ela foi silenciosa, em momento algum a URSS e os EUA se atacaram em uma guerra nuclear, mesmo porque se fizessem isso eles se destruiriam e, conseqüentemente, assolariam toda a humanidade, pois eram superpotências e viviam o desenvolvimento da alta tecnologia, em que “os monstros da fábula ressuscitam / de susto” (RICARDO, 1964b, p.124): agora como vítimas da maldade humana, e não como vilões.

As conseqüências do fim da Guerra Fria eram enormes, não foi o fim de um conflito internacional, mas o fim de uma Era. Embora o mundo antigo tenha mudado, há incertezas sobre as perspectivas do novo mundo, do nosso futuro. Por isso, parece que nos resta ficar com as esperanças de Cassiano Ricardo: “Só um consôlo: / Felizes os que, / à hora bíblica, / morrerem, não da morte, / mas do susto.” (RICARDO, 1964b, p.124), e tentar conviver com esse susto da melhor forma possível.

### 2.3 Identidades de Jeremias

O Jeremias de Cassiano Ricardo ressalta que o mundo de tanto terror, e do encanto, que se extinguiu na época do pós-guerra, não permite com que ele chore, o impede de chorar. Ele está imaginando como seria se não houvesse tanta falta de amor das pessoas, e tudo fosse resolvido de outra forma que não violentamente. Com isso, ele não conhece mais o que é grave e não sabe mais o que é o terror porque está e vivencia a guerra e a violência; não chora e não sabe mais distinguir o bem do mal por viver o terror.

O Jeremias de Cassiano Ricardo tem um olho de vidro que ele recebeu no dia em que estava em um comício político, onde levou um coice de cavalo. Isso também o impede de chorar, pois também seca as suas lágrimas. Ele não sentiu mais nada depois desse coice que lhe concedeu, pelo resto de sua vida, um olho de vidro.

Esse Jeremias é aludido, ironicamente, ao profeta hebreu Jeremias. Cassiano Ricardo faz essa referência como uma representação de um no outro, de forma que a vida do seu Jeremias e a do profeta bíblico tem muito em comum: para ambos é inútil derramar lágrimas; eles vivem uma época de tristezas e angústias em que as pessoas não os ouvem e, por isso, eles escrevem. Mas quem são os profetas bíblicos? “Para numerosos cristãos, a noção de profeta se refere aos textos do Antigo Testamento – o profeta seria aquele que anunciou a vinda de Jesus Cristo e os diferentes episódios de sua vida terrestre.” (ASURMENDI, 1988, p.9).

Os profetas presentes na Bíblia são os representantes dos fenômenos antigos e espalhados pela Mesopotâmia e Egito. Por definição,

a palavra ‘profeta’ é um termo grego que pode ser traduzido por ‘aquele que fala na frente’. Mas – muito antes da civilização grega e da tradição bíblica – a profissão de profeta já existia. Com todas as variantes que essa profissão engloba, já encontramos profetas no terceiro milênio antes de Jesus Cristo. (ASURMENDI, 1988, p.13)

Não podemos deixar de mencionar aqui a famosa profeta, ou pitonisa, Cassandra, a qual é apontada pela mitologia grega como aquela que anunciava grandes desgraças, mas que as pessoas jamais davam ouvido a ela.

A palavra é passada para o profeta para que ele fale às outras pessoas o que seu Deus ordena. Se Deus falar, o profeta não pode se calar como em Jeremias 20,7-9. Os profetas são chamados por Deus (Am 7,15; Is 6; Jr 1,4-10), sendo escolhidos como os mensageiros dele (Is 6,8). Nada como a famosa história de Jonas como um belo exemplo do que acontece com quem

se recusa a viver como um profeta. Os profetas são escolhidos e enviados por Deus para serem exemplos e manifestarem Sua vontade. Tudo em sua vida faz parte da profecia, como, por exemplo, o matrimônio

real e infeliz de Oséias é um símbolo (Os 1-3); Isaías deve andar nu para servir de presságio (Is 20,3); ele mesmo e seus filhos são ‘sinais prodigiosos’ (Is 8,18); a existência de Jeremias é um ensinamento (Jr 16), e quando Ezequiel executa as estranhas ordens de Deus, ele é um ‘sinal para a casa de Israel’ (Ez 4,3; 12,6.11; 24, 24). (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2003, p.1231)

Deus fala com seu profeta de várias maneiras: em uma visão (Is 6; Ez 1.2.8; Dn 8-12); raras vezes durante a noite (Nm 12,6; Dn 7; Zc 1,8); pelo ouvido ou como na maioria das vezes, através de uma inspiração interior, que pode vir improvisada ou em algumas circunstâncias, como olhar um ramo de amendoeira (Jr 1,11); visitando um oleiro (Jr 18,1-4).

A mensagem recebida é transmitida pelo profeta em formas igualmente variadas: em trechos líricos ou em relatos em prosa, em parábolas ou às claras, no estilo breve dos oráculos, mas também utilizando as formas literárias da objurgação, da diatribe, do sermão, do processo, dos escritos de sabedoria, ou dos salmos cultuais, das canções de amor, da sátira, das lamentações fúnebres. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2003, p.1231)

Todo profeta tem em mente que é apenas um instrumento e que as palavras que declara são de Deus. Ele sabe que recebeu uma palavra de Deus e que deve e precisa expressá-la. Esse saber vem de sua experiência com o divino. Se sua experiência parecer anormal será apenas um acidente, mas o seu estado psíquico e, talvez, físico com certeza não será normal. É o tipo de inspiração não comum, porém, somente para os que são escolhidos pelo Criador.

O profeta Jeremias, por exemplo, é enviado “para exterminar e demolir, para construir e plantar”. (Jr. 26,16-9) Ao mesmo tempo em que a mensagem é severa, ela consola, ela é dura (Jr 28, 8-9; 26,16-9) O profeta se preocupa com os pecados, com tudo que é contrário à vontade de Deus, porém a oportunidade da salvação eterna jamais é cessada. Ele é um dos cinco maiores profetas bíblicos. Ele anuncia a destruição do povo hebreu caso não obedecesse às profecias. Da mesma forma, o Jeremias de Cassiano Ricardo parece ter profetizado nossos tempos modernos, quando versa sobre a frieza do homem contemporâneo e o uso exacerbado da alta tecnologia, que está substituindo o humano.

A definição que mais abrange todos os fatos relatados, e os textos que abordam o significado do termo profeta, talvez seja:

o profeta é um homem que tem uma experiência imediata de Deus, que recebeu a revelação de sua santidade e de seus desígnios, que julga o presente e vê o futuro à luz de Deus e que é enviado por Deus para recordar aos homens suas exigências e conduzi-los pelo caminho de sua obediência e de seu amor. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2003, p.1232)

Para um profeta o pecado separa o homem de Deus, por isso, Jeremias coloca o pecado no centro de sua visão. O pecado está em toda a nação de Israel que está corrompida e não consegue converter-se (Jr 13,23). Devido esse mal, Deus irá castigar seu povo no “grande dia” (Is 2,6-22; Os 5,9-14). Contudo, para que as pessoas não sejam castigadas elas devem obedecer e buscar a Deus, se humilhando e cumprindo todos os seus mandamentos (Am 5,4.5,24; Jr 50,4; Sf 2,3). Para Jeremias, as pessoas têm de viver a Nova Aliança (Jr 31,31-34). Isso anima a vida religiosa das pessoas (Jr 6,20). Deus não quer a destruição de seu povo, mesmo esse desobedecendo seus mandamentos, Ele sempre cumpre suas promessas. Portanto, o povo pode escapar dos castigos obedecendo e, também, viver eternamente em paz e salvo.

O texto de Jeremias é o mais longo da bíblia, pois conta a história do segundo maior profeta bíblico do Antigo Testamento. Seu nome significa “Deus Restabelece”. Ele foi um servo de Deus que pregou durante quarenta anos e que escreveu o livro das *Lamentações*, o qual está escrito em cinco capítulos e pode ser considerado como um diário do profeta. Nele, o profeta expõe sua tristeza e angústia por ver a destruição de Judá, e por estar impotente e não poder ajudar. Ele apenas observa o seu povo ser levado para o cativeiro pelo rei Nabucodonosor. O livro de Jeremias é muito profético, e suas lamentações retratam a seca de suas lágrimas, pois ele chora e se lamenta muito diante da destruição de Jerusalém, pois, tal qual acontecia com a profetiza Cassandra, na Grécia antiga, ninguém lhe deu ouvidos e, por isso, o povo foi destruído. Diferentemente do Jeremias de Cassiano Ricardo, que não consegue mais chorar.

O Jeremias bíblico sempre foi um profeta polêmico, porque sofreu muito, mas manteve compromisso com seu Deus. Ele fracassou socialmente, no entanto, sua fé e sua mensagem triunfaram. Mesmo com o sofrimento de Jeremias, através de sua mensagem percebemos que seu compromisso com Deus é permanente durante toda sua vida e, suas mensagens verdadeiras. Dessa forma, dialogando, ora por paráfrase, ora por paródia, Cassiano Ricardo elegeu o profeta Jeremias como o anunciador dos tempos Pós-Guerra Fria, em que tanto a corrida desenfreada pelo consumismo, como a esperança exagerada na tecnologia, deixam os homens surdos e

niilistas quanto ao destino nada feliz da humanidade, deixam os homens contemporâneos surdos tais quais os antigos hebreus.

O Jeremias da Bíblia foi um escolhido de Deus para levar Sua palavra para o povo de Israel, que, se não obedecesse à divindade, seria destruído. O profeta revelou a palavra, mas o povo não ouviu, por isso, toda uma cidade foi destruída e levada para o cativeiro por Nabucodonosor, rei da Babilônia. Esse Jeremias ficou apenas observando o povo ser levado pelo rei sem poder fazer nada, somente chorar e se lamentar.

Já o Jeremias de Cassiano Ricardo viu muitas destruições e, também, não pôde fazer nada diante de uma sociedade mecanicista e sem amor. A vida fez dele um objeto concreto, sem sentimentos, uma pedra, pois ele viu, muitas vezes, que alguns para se satisfazerem prejudicaram e humilharam os outros, ou seja, quem não detinha o poder econômico foi rebaixado. Até dele mesmo tomaram, arrancaram bens preciosos que não eram materiais, e ele não pôde fazer nada, nem chorar. Este Jeremias, tal qual o bíblico, também presenciou guerras, bombas e fome. Ambos se sentem tristes e niilistas com a condição humana.

Esse Jeremias não chora mais, o fizeram um ser humano ruim. Sua solução é a reconquista do amor e o voltar a ser criança e ter um coração puro, porque para ele é ridículo chorar e se lamentar, um homem não deve chorar e, sim, enfrentar a realidade encarando-a com firmeza. Ele tem sete razões que o impedem de chorar: o mundo que não deixa; não saber o que é o terror por estar nele; ter um olho de vidro e não sentir nada; ter se feito um objeto concreto; ver um tomar o que é do outro, e dele, e não poder fazer nada; terem feito dele um homem ruim; e, por fim, por a lágrima ser ridícula e o homem não ter o dever de chorar, talvez por uma questão de preconceitos.

### 3. CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Em *Jeremias Sem-Chorar* (1964), observamos, principalmente, o jogo intertextual paródico que Cassiano Ricardo estabelece com o *Livro das Lamentações*, e o profeta Jeremias. Ele nos traz ao invés de versos, linosignos, para que entendêssemos que na pós-modernidade o que ficou no lugar do verso é uma concepção visual do poema, e mostra que o homem da pós-modernidade está inserido no contexto da máquina, do permanente medo da destruição pela bomba atômica, como há muitos anos atrás.

Neste livro, também há outras referências à Bíblia, como o número 7, o qual, relacionado com a Bíblia, observamos que dá título ao poema “7 Razões pra não chorar”. Não é por acaso, pois segundo a Bíblia devemos perdoar 70 vezes 7; sete também é o número da perfeição de Deus, são sete as cores do arco-íris; além de ser um número cabalístico; Deus criou o mundo em sete dias; sete são os dias da semana; sete são as cartas destinadas às Igrejas de diferentes lugares, segundo o livro bíblico de *Apocalipse*. Além disso, observamos que o número sete aparece ainda no poemas: “A máquina e seus prefixos”, com sete prefixos; “As 7 cidades”; “Os 7 cegos da Babilônia”; “Setestrêlo”; “As 7 anti-samaritanas”; “Objetos não-identificados” (sete situações diferentes); “Viagem ex(orbita)nte”, (7 prantos); “Rosa no prato”, com sete estrofes; “Xilogravura”, com sete estrofes, também. Desta maneira, Jeremias tem sete razões que o impedem de chorar. Portanto, não é coincidência o poeta Cassiano Ricardo criar um heterônimo Jeremias e, a partir dele, colocar tantos acontecimentos que se referem à Bíblia.

Esse heterônimo de Cassiano Ricardo vive em uma época em que o homem da pós-modernidade está inserido no contexto da máquina, do permanente medo da destruição pela bomba atômica. Pesa ainda sobre ele a alteração climática do planeta, as guerras infinitas, o fanatismo religioso, a fragmentação da família e o desinteresse pela política. Chorar e se lamentar já não leva a humanidade a lugar algum, se é que algum dia levou.

Outro curioso símbolo que aparece no poema “7 Razões pra não chorar”, além do número 7, é a presença mitológica do cavalo, que no dicionário de símbolos o cavalo significa:

Psicologicamente o cavalo é símbolo da natureza instintiva, é a energia que apóia o ego consciente sem que esse perceba, a energia que gera o fluxo da vida e que dirige nossa atenção para as coisas, influenciando nossas ações através de uma motivação. O cavaleiro é o ego, enquanto que o cavalo é o símbolo da nossa energia instintiva e animal. Quando juntos representam o movimento harmônico da natureza. (O carro no tarot). Na mitologia ele é associado às deusas-mães, sendo que podemos encontrar associações entre a imagem do cavalo e o simbolismo da mãe que pode ser vista como sendo o cavaleiro da criança e isso devido a primitivamente ela costumar carregar seu filho às costas. Sua imagem também encontra-se associada a da árvore dos mortos pois ele é um animal que a alma utiliza para cavalgar para o outro mundo, servindo de psicopompo entre o mundo dos vivos e o dos mortos. (<http://symbolom.com.br/wp/?s=cavalo> – visitado em 25/07/2011)

O cavalo que gera o nosso fluxo da vida, nos motivando, mas ao mesmo tempo servindo de psicopompo entre o mundo dos vivos e dos mortos, concedeu um olho de vidro ao Jeremias de Cassiano Ricardo. Porém, isso faz parte de seu instinto, pois quando se sente ameaçado,

apenas se defende e, por isso, nos leva a acreditar que, mesmo que sua imagem simbolize a vida, por ameaças humanas ele tirou a vida do olhar de Jeremias, tornando-o parte do seu mundo obscuro, triste, mas não por maldade, pois quem provocou a ameaça que ele sentiu foi justamente o ser humano, que se torna o culpado pelo olho de vidro que Jeremias recebeu.

Também é evidente, no poema supracitado, a influência do existencialismo de Sartre que, aliás, faz parte da epígrafe inicial do livro. Para o inventor da corrente existencialista, em que os homens são os únicos responsáveis pelos seus atos, não existe a liberdade que o homem pensa ter, pois somos aprisionados por nós e pelos outros. Somos capazes de criar e destruir, decidir e voltar atrás. O homem tem medo de lidar com sua própria liberdade, tornando-se um ser insatisfeito, que jamais consegue alcançar a liberdade ou se satisfazer. Que vive de sonhos e angústias, que é condenado a ser livre e não depender de Deus, pois esse, para Sartre, não existe.

Portanto, sem modelo a ser seguido, resta aos homens, a partir dessa perspectiva, serem os responsáveis pelos seus desejos e seus atos, sendo criados a partir dos “modelos” de vivência das outras pessoas, mas escolhendo o que queremos ser. Por isso, Cassiano Ricardo, em seu *Jeremias*, se deixa influenciar pelo existencialismo de Sartre, já que é o mundo quem não deixa seu Jeremias chorar e o fez um objeto concreto, ruim que não tem mais lágrimas. Mesmo sendo o responsável pelos seus atos, sendo livre, ele é prisioneiro dessa liberdade, pois ela o impede de realizar seus desejos e, quando esses são reprimidos, passamos a viver no “mundo do terror e do espanto” (RICARDO, 1964b, p.3), o qual não nos permite chorar. Por isso, seu Jeremias não chora, pois as guerras são infinitas.

Para Cassiano Ricardo, restam aos Jeremias contemporâneos a poesia, o jogo estético e o lúdico. Assim, nosso interesse em estudar e analisar com mais acuidade esta obra que está exatamente neste amálgama tão bem elaborado por Cassiano Ricardo, esta mistura equilibrada e tão rica esteticamente: a mescla entre política, filosofia, mito e paródia bíblica.

O livro *Jeremias Sem-Chorar* (1964b) teve muita repercussão e foi o mais revolucionário de todos os livros de Cassiano Ricardo, pois foi nele que o escritor inventou o linossigno, como uma nova corrente vanguardista de 1964, que por imagens belas, agradáveis e que têm utilidade, mostra as angústias das pessoas e a grande revolução tecnológica, em um mundo que não pode e nem consegue mais chorar. Nota-se que as obras de Cassiano Ricardo merecem ser cada vez mais estudadas e lidas, pois são fontes de conhecimento histórico e cultural.

### **3. BIBLIOGRAFIAS**

### 3.1 Referências bibliográficas

- ASURMENDI, Jesus. *O profetismo: das origens à época moderna*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O Ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Publifolha, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: São Paulo: Humanitas, 1996.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto: Crime contra a Humanidade*, São Paulo, Ática, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O anti-semitismo na Era Vargas – fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- COELHO, Kamilla Kristina S. F.. *Faces do Sem Nome: O imaginário de Deus em Poemas malditos, gozosos e devotos, de Hilda Hilst*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Teoria
- CHOCIAIY, Rogério. *Teoria do Verso*. São Paulo: McGraw-Hill , 1974.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- COUTINHO, Afrânio (org.) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. V.5.
- DUFRENNE, Mikel. *O poético*. Porto Alegre, Globo, 1969.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- ELIOT, T.S. *A essência da poesia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso reflexões introdutórias*. 3 ed.. São Carlos: Claraluz, 2008.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX : 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. 39. reim. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUCHEON, Linda. *Uma Teoria da Paródia*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- JAKOBSON, Roman. O que é poesia. In: TOLEDO, Dionísio (org.). *Círculo lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978.
- JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. São Paulo: Imago, 1999.
- LESSER, Jeffrey, *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. RJ: Imago, 1995.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LIMA, Luiz Costa. *Estruturalismo e teoria da literatura; introdução às problemáticas estética e sistêmica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. *Teoria da Literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 2 vol.

KURY, Mário G. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MONTEIRO, Amilton M. *Cassiano: fragmentos para uma biografia*. São José dos Campos: Univap, 2003.

MOREIRA, Luiza Franco. *Meninos, poetas e heróis: aspectos de Cassiano Ricardo do Modernismo ao Estado Novo*. São Paulo: USP, 2001.

RICARDO, Cassiano L. *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964a.

\_\_\_\_\_. *Jeremias Sem-Chorar*. 1. ed., 1964b; 2. ed., 1968. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

\_\_\_\_\_. *22 e a poesia de hoje*. Os cadernos de cultura. Ministério da educação e cultura, 1964c.

SABBAG, David C. *Dicionário Bíblico: um guia de estudos e entendimento do Livro dos livros*. São Paulo: DCL, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano. *Paródia, paráfrase e Cia*. São Paulo: Ática, 1999.

SONTAG, Susan. Fascinante Fascismo. In: *Sob o signo de Saturno*. Porto Alegre: LP&M, 1986.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 4. ed. Portugal: Europa-América, s/d.

### 3.2 Bibliografia consultada

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BRANCO, Lúcia Castello. *A traição de Penélope*. São Paulo: ANNABLUME, 1994.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 6. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p.27-41.

FRIAS Rubens Eduardo Ferreira. *Retórica antiga, vanguarda e religião em Jeremias sem-chorar, de Cassiano Ricardo*. São José do Rio Preto: UNESP, Dissertação de Mestrado, 2006.

FERNANDES, Cleudemar Alves. A constituição da análise do discurso na lingüística. In: \_\_\_\_\_. *Lingua(gem): reflexões e perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003, p. 33-45.

FERNANDES, Cleudemar Alves; ALVES JÚNIOR, José Antônio. Mutações da noção-conceito de sujeito na análise do discurso. In:\_\_\_\_. *Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 103-119.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In:\_\_\_\_. *Teorias lingüísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003, p.21-34.

RICARDO, Cassiano L. *Martim Cererê*. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In:\_\_\_\_. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 97-130.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: CRIAR EDIÇÕES, 2002, P. 167-185.

### 3.3 Endereços eletrônicos:

[http://www.pedrobarbosa.net/artigos\\_online-pdf/artigo-rcl.pdf](http://www.pedrobarbosa.net/artigos_online-pdf/artigo-rcl.pdf) - visitado em 15/05/2011

[http://www.palavrarte.com/poeta\\_lembrei/poelembrei\\_cassiano.htm](http://www.palavrarte.com/poeta_lembrei/poelembrei_cassiano.htm), - visitado em 10/06/2011

<http://www.mafua.ufsc.br/jessegabrielasilva.html> - visitado em 15/06/2011

<http://www.algumapoesia.com.br/poesia/poesianet002.htm>, - visitado em 15/06/2011

<http://meuartigo.brasilecola.com/filosofia/o-existencialismo-sartre.htm>- visitado em 15/07/2011

<http://educacao.uol.com.br/biografias/yuri-gagarin.jhtm> - visitado em 19/10/2011

<http://meuartigo.brasilecola.com/filosofia/o-existencialismo-sartre.htm> - visitado em 19/10/2011

<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/historia-regime-militar.jhtm> - visitado em 19/10/2011

<http://www.brasilecola.com/historiab/golpe-militar.htm> - visitado em 19/10/2011

<http://www.brasilecola.com/geografia/movimento-translacao.htm> - visitado em 19/10/2011

<http://www.brasilecola.com/geografia/movimento-rotacao.htm> - visitado em 19/10/2011

<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/rotacao-terra.htm> - visitado em 19/10/2011

<http://symbolom.com.br/wp/?s=cavalo> – visitado em 22/10/2011